ISSN 0103-7013
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Artigo Científico

dx.doi.org/10.7213/psicolargum.44.126.AO07

PSICOLOGIA Argumento

PUCPRESS

periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento

Luto na velhice: A percepção de sentido diante do próprio morrer

Grief in old age: The perception of meaning in the face of one's own death

El duelo en la veiez: La percepción de significado ante la propria muerte

Eduardo Alípio da Silva Filho [A]
Brejo do Cruz, PB, Brasil
[A] FACULDADE SUCESSO - FACSU

Marcos Vitor Costa Castelhano [C]
São Bento, PB, Brasil
[C] FACULDADE SUCESSO (FACSU)

Edinaldo Rodrigues da Silva Júnior [B]
João Pessoa, PB, Brasil
[B] Universidade federal da paraíba (UFPB)

Mayara Cristina de Araújo Dantas [D]
Patos, PB, Brasil
[D] Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

Como citar: SILVA FILHO, E. A.; SILVA JUNIOR, E.R.; CASTELHANO, M.V.C.; DANTAS, M.C.A. Luto na velhice: A percepção de sentido diante do morrer. *Psicologia Argumento*, 44(126). 1970-1985, 2026. https://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.44.126.AO07

Resumo

A morte sempre foi repudiada pelo ser humano. Falar sobre morte é falar sobre finitude, saber que um dia a vida chega ao fim. Esta finitude se torna ainda mais visível na velhice. A consciência da morte próxima cria nessa fase do desenvolvimento

[a] Especialista em Terapia Sistêmica. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Sucesso, e-mail: Eduardoalipiopsic@gmail.com.

[b] Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Especialista com Residência Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente, Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Goiana (FAG), e-mail: Junio.pb@hotmail.com.

[c] Mestre em Ciência da Educação pela World University Ecumenical, tendo diploma reconhecido no Brasil pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), e-mail: Marcosvitorcostacastelhano@gmail.com.

[d] Mestre em Psicologia da Saúde (UEPB), e-mail: Mayaradantas.psi@gmail.com.

humano a necessidade de se discutir sobre o sentido da morte e da vida, o processo de luto e as suas repercussões na saúde e no desenvolvimento dos idosos. O principal objetivo deste estudo foi o de analisar como os idosos vivenciam o seu processo de luto diante da consciência de sua finitude. Para esta finalidade, o método utilizado foi de uma pesquisa de campo, de cunho descritivo e exploratório e de abordagem qualitativa, utilizando-se do software IRAMUTEQ. O estudo se justifica por trazer à tona uma reflexão crítica, oferecendo aos idosos e aos profissionais das diversas áreas da saúde uma nova forma de pensar e agir sobre a morte e o morrer e que influencie no fazer dos diversos profissionais, cuidadores e familiares de idosos. Espera-se que este estudo desperte o interesse de pesquisadores para novos estudos na área, pois como foi visto, a consciência da finitude não impediu a realização de sentido de alguns idosos, contudo a morte e de pessoas que faziam a vida ter sentido interfere negativamente na vida destes, como também se percebeu a grande importância que a religião possui no processo de luto diante da morte de outros como também no próprio morrer.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano. Luto. Morte. Sentido da vida. Velhice.

Abstract

Death has always been repudiated by the human being. Speak about death is talking about finitude, knowing that one day life comes to end. This finitude becomes even more visible in old age. The awareness of the nearness of death creates at this stage of human development the need to discuss the meaning of death and life, the grieving process and the repercussions on the health and development of the elderly. The main objective of this study was to analyze how the elderly experience the grieving process in the face of the awareness of finitude. For this purpose, the methodology used was a field research, descriptive and exploratory and with a qualitative approach, using the IRAMUTEQ software to analyze textual data. The study is justified by bringing up a critical reflection, offering for the elderly and professionals, from different areas of health, a new way of thinking and act upon death and dying, influencing many professionals, caregivers and family of the elderly. Expected that this study attract the interest of researchers for new studies in the field, because as was seen in this study, the awareness of finitude did not prevent the realization of meaning of some elderly, however, death and the abandonment of people who make a living have meaning interferes negatively in the life of the elderly. Religion has great importance at the grieving process facing the death of others, as well as own death.

***Keywords**: Human development. Grief. Death. Meaning of life. Old age.*

Resumen

La muerte siempre ha sido rechazada por la humanidad. Hablar de muerte es hablar de finitud, de saber que un día la vida llega a su fin. Esta finitud se hace aún más evidente en la vejez. La conciencia de la muerte inminente genera, en esta etapa del desarrollo humano, la necesidad de dialogar sobre el significado de la muerte y la vida, el proceso de duelo y sus repercusiones en la salud y el desarrollo de las personas mayores. El objetivo principal de este estudio fue analizar cómo las personas mayores experimentan su proceso de duelo ante la conciencia de su finitud. Para ello, se empleó una metodología de investigación de campo descriptiva y exploratoria con un enfoque cualitativo, utilizando el software IRAMUTEQ. El estudio se justifica por su capacidad para generar una reflexión crítica, ofreciendo a las personas mayores y a los profesionales de diversos ámbitos de la salud una nueva forma de pensar y actuar sobre la muerte y el morir, influyendo en el trabajo de diversos profesionales, cuidadores y familiares de las personas mayores. Se espera que este estudio despierte el interés de los investigadores por profundizar en esta área, ya que, como se ha observado, la conciencia de la finitud no impidió que algunas personas mayores encontraran sentido a la vida; sin embargo, la muerte de quienes les daban sentido a sus vidas impacta negativamente en ellas. El estudio también reveló la gran importancia de la religión en el proceso de duelo tras la muerte de seres queridos, así como en el propio proceso de morir.

***Palabras clave**: Desarrollo humano. Duelo. Muerte. Sentido de la vida. Vejez.*

1. Introdução

Para compreender o desenvolvimento humano é preciso levar em consideração diferentes fatores, como a hereditariedade, o ambiente, a dimensão psíquica, a cultura e as condições socioeconômicas, compreendendo como esses elementos interagem e contribuem para o desenvolvimento em diferentes idades e contextos sócio-históricos (Papalia & Feldman, 2013). Nesse sentido, o desenvolvimento humano deve ser compreendido como um processo contínuo, marcado por mudanças e transformações ao longo da vida, incluindo a velhice como uma de suas etapas.

A velhice pode ser compreendida como uma categoria construída socialmente para representar o período em que os indivíduos são considerados envelhecidos, sendo importante diferenciá-la do processo de envelhecimento. Enquanto o envelhecimento constitui um processo que acompanha o indivíduo ao longo da vida, a velhice corresponde à condição social atribuída ao indivíduo idoso (Brito, 2014). Assim, a velhice configura-se como uma etapa vital marcada por reajustes e adaptações psicossociais, médicas, educacionais e tecnológicas. O envelhecimento, por sua vez, constitui um fenômeno físico, psíquico e social que afeta o ser humano em sua existência, em sua relação com o tempo, com o mundo e com a própria história (Frumi & Celich, 2006).

Embora socialmente a velhice seja frequentemente associada a limitações, inutilidade e adoecimento, observa-se a construção de um novo paradigma que enfatiza também os aspectos psicológicos, sociais, econômicos e culturais dessa etapa do desenvolvimento, buscando romper com o mito da inutilidade e favorecer uma perspectiva mais positiva acerca do envelhecimento (Miguel, 2014). Dessa forma, chegar à velhice não significa necessariamente experimentar boa ou má qualidade de vida, uma vez que essa experiência é atravessada por diferentes condições individuais e contextuais (Veras & Oliveira, 2018).

Ao longo desse processo, a velhice também pode ser marcada por diversas perdas e mudanças, tanto relacionadas ao próprio corpo quanto ao contexto em que o indivíduo está inserido. Essas experiências podem influenciar sua visão de mundo e de vida, bem como repercutir em seu desenvolvimento e em sua forma de lidar com a própria existência (Veras & Oliveira, 2018). Nesse contexto, as questões relacionadas à saúde, ao desenvolvimento e aos processos de adaptação tornam-se especialmente relevantes para a compreensão da experiência da pessoa idosa.

Entre as questões que podem adquirir maior evidência nessa etapa da vida encontra-se a consciência da finitude. É na velhice que as pessoas podem apresentar maior consciência e clareza acerca da proximidade da própria morte. Ao vivenciar perdas e deparar-se com essa consciência de finitude, o indivíduo pode experimentar um processo de luto diante da própria morte, vivenciado de maneira singular e relacionado à forma como compreende sua existência (Cocentino & Viana, 2011). Lidar com a morte e com a consciência de sua ocorrência constitui um processo inerente à existência humana, podendo o idoso vivenciar diferentes formas de aceitação ou não aceitação diante da própria morte, com possíveis repercussões sobre sua saúde e seu desenvolvimento (Neto, 2012).

Nesse sentido, falar sobre morte também implica falar sobre luto. O luto pode ser compreendido como um conjunto de reações físicas, comportamentais, emocionais e sociais decorrentes de uma perda, de um diagnóstico ou de uma notícia trágica. A perda de um ente querido é considerada um dos acontecimentos mais estressantes para a maioria das pessoas, fazendo com que o processo de luto envolva importantes movimentos de adaptação à nova realidade (Batista & Santos, 2014). Dessa maneira, as experiências de perda podem assumir particular importância na velhice, considerando-se as transformações e perdas que podem acompanhar essa etapa do desenvolvimento.

É importante, ainda, diferenciar o luto considerado normal daquele compreendido como patológico. O primeiro está relacionado ao processo pelo qual o enlutado vivencia sua perda, alcançando posteriormente uma fase de adaptação, aceitação e reconstrução. O segundo relaciona-se à intensidade e à duração das manifestações emocionais, psíquicas e comportamentais, que podem produzir respostas mal adaptativas e dificultar a progressão do indivíduo, afetando também suas relações com familiares e amigos (Kübler-Ross, 2008; Ramos, 2016). Ademais, Kübler-Ross (2008) descreve cinco estágios relacionados ao processo de luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, esses estágios podem ser compreendidos como diferentes possibilidades de reação diante da perda e não necessariamente como uma sequência rígida a ser seguida por todos os indivíduos.

Considerando que falar sobre morte e luto também implica falar sobre vida e sentido, compreender o sentido da vida torna-se fundamental para a discussão proposta neste estudo. Nesse contexto, destaca-se a Logoterapia e Análise Existencial, abordagem fenomenológica fundada pelo psiquiatra Viktor Emil Frankl (1905-1997), que tem como foco a busca pelo sentido existencial como uma das principais motivações humanas (Aquino, Damásio & Silva, 2010). Para Frankl, o ser humano é compreendido como um ser tridimensional, constituído pelas dimensões física, psíquica e noética, sendo esta última relacionada ao senso ético, à consciência moral e à espiritualidade (Pereira, 2015).

A Logoterapia fundamenta-se em três pilares principais: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade da vontade compreende o ser humano como livre para agir diante das possibilidades oferecidas pela vida; a vontade de sentido constitui sua motivação primária; e o sentido da vida é compreendido como singular para cada indivíduo, podendo ser encontrado mesmo diante de situações de sofrimento ou enfermidade (Lisboa, 2016). Para a realização do sentido, Frankl propõe três vias valorativas: os valores criativos, vivenciais e atitudinais. Assim, o sentido pode ser realizado por meio daquilo que o indivíduo cria ou produz, das experiências e vivências, especialmente por meio do amor, ou ainda por meio da atitude assumida diante de um sofrimento inevitável (Lisboa, 2016).

A realização de sentido também está relacionada à capacidade humana de autotranscendência, compreendida como a possibilidade de sair de si e direcionar-se a algo ou alguém (Zamulak, 2015). Nessa perspectiva, a morte não rompe com o sentido da existência humana. Para Frankl, a finitude participa da própria constituição da existência, uma vez que a consciência da mortalidade pode favorecer que o indivíduo assuma sua vida de maneira livre e responsável, realizando escolhas e atribuindo sentido à própria existência (Moreira & Holanda, 2010; Frankl, 2016). Assim, a morte não deve ser compreendida como elemento separado da vida, mas como parte da própria existência humana.

A partir dessa compreensão, a maneira como cada indivíduo lida com sua finitude pode estar relacionada à percepção de sentido que atribui à própria vida, construída ao longo de seu desenvolvimento enquanto ser humano (Neto, 2012). Na velhice, portanto, a consciência da finitude, as experiências de perdas, o processo de luto e a busca ou manutenção do sentido da vida constituem aspectos que podem se articular na experiência de cada indivíduo. Compreender essas relações torna-se especialmente relevante diante da necessidade de ampliar as possibilidades de cuidado à pessoa idosa, considerando não apenas os aspectos físicos, mas também as dimensões psicológicas, sociais e existenciais envolvidas no processo de envelhecimento.

Diante disso, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de promover uma reflexão crítica acerca da morte e do morrer, contribuindo para a compreensão de como os próprios idosos vivenciam essas experiências e para o aprimoramento das práticas dos profissionais de saúde que atuam junto a essa população. Espera-se, ainda, contribuir para o desenvolvimento de novas reflexões e pesquisas acerca da temática, favorecendo formas de pensar e agir que considerem a singularidade das experiências de morte, luto e sentido na velhice.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo principal analisar como os idosos vivenciam o seu próprio morrer. Para tanto, buscou-se compreender como os idosos percebem a morte de pessoas próximas e a própria morte, identificar o sentido que atribuem à vida e ao próprio morrer e verificar em qual estágio do processo de luto se encontram.

2. Método

2.1 Delineamento e Hipótese

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo de cunho exploratório e de abordagem qualitativa, no intuito de buscar dados que corroboram ou refutam sua hipótese de que os idosos, pela consciência da morte próxima, vivenciam um processo de aceitação em relação à sua morte.

2.2 Participantes

Participaram da pesquisa 10 idosos. Os dados da pesquisa foram coletados em duas cidades no interior do sertão paraibano.

Dos participantes da pesquisa, seis foram do sexo feminino, com idades entre 63 e 83 anos e apenas quatro do sexo masculino, com idades entre 61 e 72 anos. Dos dez, seis eram de classe socioeconômica média, um de classe alta, dois de classe baixa e outro proletário. Quatro possuíam ensino fundamental completo, dois com ensino médio completo, dois com ensino superior completo e outros dois sem escolaridade. Apenas um era solteiro, três estavam casados, um divorciado e cinco viúvos. No quesito religião, seis apresentaram-se como católicos, dois evangélicos, um argumentou ser da religião "Deus" e outro como sendo "Cristão". O primeiro entrevistado possuía diabetes, o segundo problema de pele, o terceiro possuía diabetes, hipertensão e também era cardiopata, o quarto e o quinto não possuíam quaisquer doenças crônicas, o sexto, entretanto, possuía diabetes, hipertensão e úlcera varicosa, o sétimo possuía doenças crônicas, o oitavo possuía hipertensão e deficiência visual por parte de um olho, o nono possuía labirintite e o décimo alegou ser "doente da idade" sic.

2.3 Instrumentos

Para a realização da pesquisa foi necessário o uso de um questionário sociodemográfico com a finalidade de caracterizar o sujeito, uma entrevista semiestruturada para coletar os dados referentes ao que se pretendia analisar de acordo com os objetivos, tais como a percepção da morte de pessoas próximas e de si próprio, o sentido atribuído diante do próprio morrer e da vida e o estágio no processo de luto. Foi também utilizado um gravador de voz para melhor precisão da coleta e análise dos dados. Por fim, os dados foram analisados pelo *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes it de Questionaires*).

2.4 Procedimentos

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa, e puderam também negar-se a participar ou até mesmo desistir da pesquisa. Foram levados em consideração todos os critérios éticos, o sigilo, para o exercício de pesquisas com seres humanos conforme situado na Resolução de nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A execução do projeto de pesquisa ocorreu logo após a aprovação do Comitê de Ética, CAAE nº 04151218.0.0000.5181.

Inicialmente, a proposta do presente estudo era trabalhar com idosos institucionalizados em instituições de longa permanência. Entretanto, diante da indisponibilidade e da resistência de alguns idosos e instituições em participar da pesquisa, foi possível incluir apenas dois participantes nesse contexto. Dessa forma, houve a necessidade de ampliar o público da pesquisa, passando-se a incluir idosos da comunidade que atendessem aos critérios estabelecidos. Foram incluídos indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, mentalmente capazes de responder à entrevista, que consentissem com a participação na pesquisa e com a gravação de voz, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz. A participação foi voluntária, sendo assegurado aos participantes o direito de interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento.

Dos oito participantes que faltavam, sete foram escolhidos com ajuda de um profissional da saúde da atenção básica no município de Brejo do Cruz e outro no município de Patos, Paraíba. Para os dez idosos, foi realizado um *rapport* explicando a importância da pesquisa como também os benefícios e possíveis riscos, logo em seguida, lhes foram conferidos todos os termos necessários para serem assinados caso aceitassem participar da pesquisa. Na instituição foi entregue um modelo do projeto da pesquisa e o termo de autorização institucional.

2.5 Tabulação e análise dos dados

A análise de dados foi feita por meio do *software* IRAMUTEQ para análise de dados textuais. Este é um *software* gratuito de análise lexical, ou seja, para análise do conjunto de palavras que são derivadas de um mesmo radical de um algum texto, da transcrição de entrevistas, questionários, discursos, artigos, etc. Os dados aqui foram submetidos à

análise a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), uma proposta desenvolvida por Reinert (1990), que segundo Justo e Camargo (2014) organiza os dados analisados em um dendrograma, além de permitir uma análise lexical do referido conteúdo textual, criando assim contextos, ou seja, classes lexicais que se fundamentam por um vocabulário específico, mas também semelhante entre si, entretanto, ao passo que possuem conteúdos similares, também apresentam vocabulários diferentes umas das outras classes em seus segmentos de textos, o que é visto a seguir nos resultados. Por fim, os dados são expostos por meio de gráficos para depois serem analisados e interpretados.

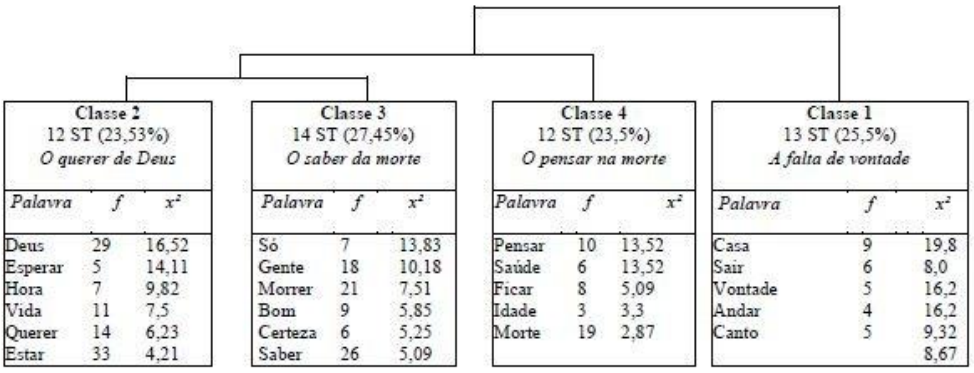
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados em quatro categorias, geradas mediante a análise dos dados. Para a criação dos *corpus* de análise, tomou-se como base o instrumento de coleta de dados, que era dividido em cinco temas. Cada categoria corresponde a uma questão realizada durante a entrevista e foi nomeada de acordo com o tema que a constituía. Entretanto, as categorias 1 e 3, por apresentarem similaridade, foram agrupadas em uma única categoria. Dessa forma, foram geradas as seguintes categorias: *corpus 1 – A ciência da morte e do morrer; corpus 2 – A morte do próximo; corpus 3 – Os sentidos na morte; e corpus 4 – Os sentidos na vida*. Cada categoria possui subcategorias (classes), que também foram nomeadas de acordo com seus conteúdos e serão apresentadas e discutidas a seguir.

3.1 A ciência da morte e do morrer

Na Classificação Hierárquica Descendente (CHD) desenvolvida no *corpus* 1, "*A ciência da morte e do morrer*", foram analisados dez textos, divididos em 61 segmentos de texto (ST), dos quais 51 foram considerados, correspondendo a 83,6% do *corpus*. Foram identificadas quatro classes, nomeadas de acordo com seus conteúdos, conforme apresentado no dendrograma abaixo (Figura 1).

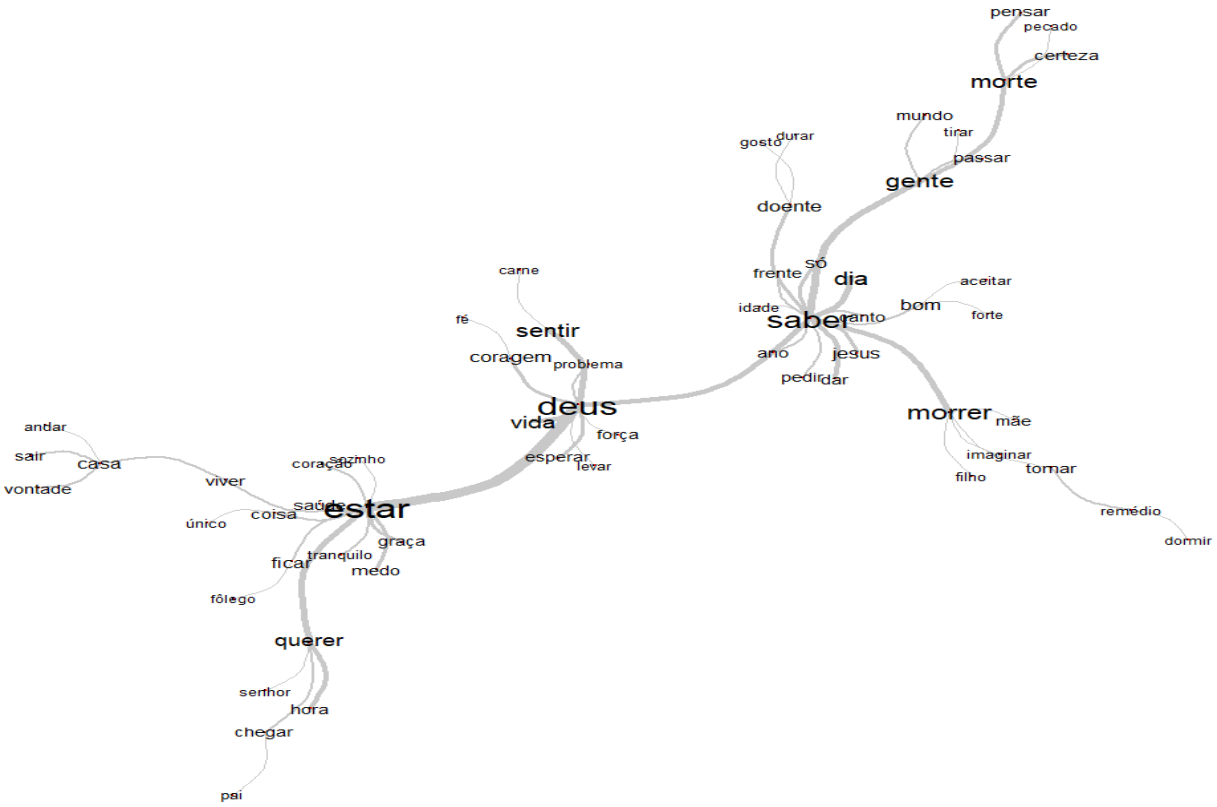
Figura 1: Dendrograma da CHD do corpus 1



Fonte: Iramuteq

Foi realizada também, no *corpus* 1, uma Análise de Similitude (Figura 2), com a finalidade de observar graficamente a conexão das palavras e o nível de relação entre elas. Essa análise, segundo Justo e Camargo (2014), é complementar à Classificação Hierárquica Descendente, pois permite observar a proximidade das palavras e suas interconexões, possibilitando melhor compreensão da estrutura do *corpus* textual.

Figura 2. Árvore de coocorrências – Análise de Similitude do corpus 1



Fonte: Iramuteq

A árvore de coocorrências apresentou três palavras-chave centrais: "*Deus*", "*estar*" e "*saber*". O termo central "*Deus*" esteve relacionado aos elementos "*força*", "*coragem*", "*vida*" e "*sentir*", enquanto o termo "*estar*" apresentou conexão com "*medo*", "*graça*" e "*querer*", próximos de "*senhor*", "*hora*" e "*chegar*". Por sua vez, o termo "*saber*" esteve relacionado à palavra "*morte*", próxima de "*certeza*", "*pensar*" e "*pecado*", e ao termo "*morrer*", associado a "*mãe*" e "*filho*".

Os resultados evidenciam, portanto, a presença significativa da religião, da espiritualidade e da fé nas representações dos participantes acerca da morte e do morrer. Essa dimensão aparece tanto na consciência da finitude quanto nas formas de enfrentamento e aceitação da própria morte, conforme pode ser observado nos discursos dos participantes:

> "Eu me sinto bem... se eu tiver um pecado que Deus me perdoe" (Sujeito 1).

> "... eu me sinto agoniado, angustiado e eu peço até a morte, para ele me tirar, mas eu não sei se é pecado" (Sujeito 4).

> "Eu não tenho medo de morrer não, pois eu estou com Jesus. Esperando qualquer dia Deus tirar. Com sessenta e cinco anos, tenho que agradecer a Deus os anos de vida que ele me deu" (Sujeito 4).

> "Eu sei que não é bom, é um momento muito pesado, é duro, mas a gente tem que ser forte e pedir a Jesus para ficar mais forte, coragem para enfrentar" (Sujeito 5). "Eu sei que vai chegar, é certeza, e na hora que Jesus quiser pode vir me buscar, eu estou muito feliz porque não tem como a gente se esconder da morte, ninguém se esconde. Como eu não fui mais cedo, nova, vai me tirar idosa. Eu sinto que se a gente viver muito tempo nesse mundo é muito perigoso, a gente tem medo até de sair de casa, sozinha a gente não deixa uma porta aberta, tem medo de sair sozinha, medo de andar a noite" (Sujeito 5).

> "Não tem problema isso. Se Deus quiser agora eu estou pronto" (Sujeito 10).

Os discursos demonstram que a religião não aparece apenas como elemento de crença, mas também como possibilidade de atribuição de significado à morte e de enfrentamento diante da consciência da finitude. Esse resultado corrobora Saltareli *et al*. (2015), que apontam a religião como uma das estratégias utilizadas para lidar com a angústia gerada diante da morte e da finitude. Segundo os autores, o conjunto de crenças, significados e tradições religiosas pode oferecer conforto e esperança, possibilitando um enfrentamento mais sereno diante da morte e do morrer.

Nesse sentido, os resultados encontrados no presente estudo aproximam-se da literatura ao evidenciarem que a espiritualidade, a fé e a religião podem ocupar um lugar importante na maneira como os idosos significam e enfrentam a morte (Saltareli *et al*., 2015). Ainda segundo os autores supracitados, a presença recorrente de referências a Deus nos discursos dos participantes sugere que a dimensão religiosa pode contribuir para a elaboração do processo de luto e para a construção de uma compreensão menos angustiante da própria finitude. Esse resultado também encontra respaldo segundo no estudo de Becker *et al*., (2007), que identificou a importância das crenças religiosas e espirituais na experiência e elaboração do luto.

Essa relação também pode ser compreendida a partir da Logoterapia de Frankl (2016), para quem o vácuo existencial está relacionado à sensação de tédio e à falta de sentido decorrente da frustração da vontade de sentido. No contexto do presente estudo, a experiência de perda e de luto pode estar relacionada a sentimentos de sofrimento, falta de sentido e questionamentos acerca da própria existência, como observado no discurso do Sujeito 4. Assim, os resultados permitem aproximar a experiência relatada pelos participantes da compreensão frankliana acerca da busca de sentido diante do sofrimento.

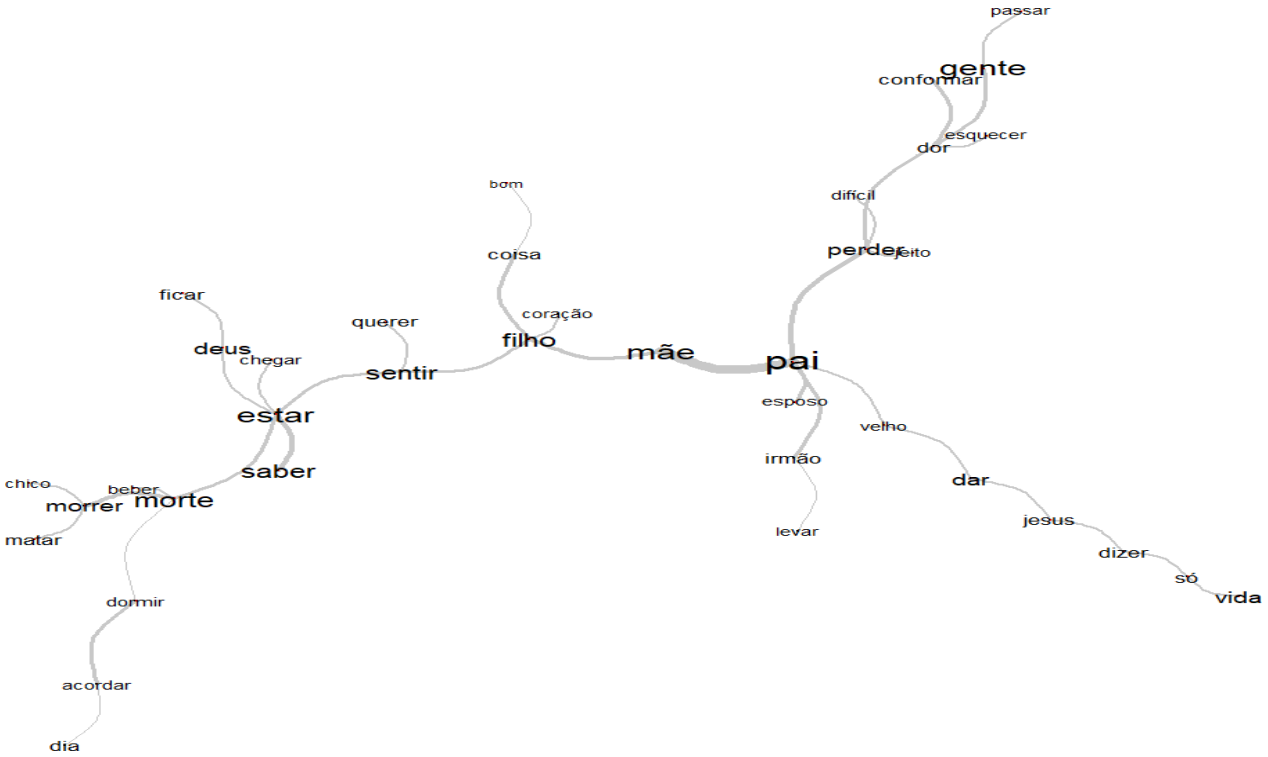
Outro aspecto observado refere-se à dificuldade de definir e aceitar a própria morte. Embora alguns participantes demonstrem uma postura de aceitação, outros revelam medo, angústia e sofrimento diante da possibilidade de morrer. Dessa forma, os resultados não apontam para uma única forma de vivenciar a finitude, mas evidenciam diferentes maneiras de significá-la, reforçando a compreensão de que a experiência da morte é singular e atravessada pelas características e experiências de cada indivíduo (Neto, 2012; Kübler-Ross, 2008).

O estágio de aceitação conceituado por Kübler-Ross (2008) no processo de luto também pode ser relacionado aos resultados encontrados. A aceitação não deve ser compreendida como ausência de sofrimento, mas como uma possibilidade de elaboração daquilo que é inevitável. A autora também discute o estágio da barganha, que pode ser confundido com a aceitação, especialmente quando o indivíduo recorre a Deus para explicar ou atribuir sentido a uma fatalidade. Nesse sentido, os discursos dos participantes evidenciam que religião, aceitação, medo e sofrimento podem aparecer articulados na experiência de lidar com a própria morte.

3.2 A morte do próximo

O *corpus* 2, "*A morte do próximo*", teve como finalidade complementar a discussão estabelecida no *corpus* 1. Para isso, foi realizada a Análise de Similitude, buscando identificar as palavras mais centrais do corpus textual e suas respectivas conexões e proximidades, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3. Árvore de coocorrências – Análise de Similitude do corpus 2



Fonte: Iramuteq

Observa-se, na árvore de coocorrências, que o vocábulo "*pai*" apresentou conexão com "*perder*", que se aproximou das palavras "*difícil*", "*dor*", "*conformar*" e "*esquecer*". Os vocábulos "*mãe*" e "*filho*" estiveram relacionados a "*sentir*" e "*saber*", que, por sua vez, apresentaram proximidade com "*querer*", "*Deus*" e "*morte*". Esses resultados evidenciam que a experiência da perda de pessoas próximas esteve associada, para os participantes, a sentimentos de dor, dificuldade de elaboração e necessidade de conformação. O que se percebe nos discursos dos sujeitos abaixo é a comparação feita entre a dor da perda de um pai ou de uma mãe para com a perda de um filho.

> "É uma dor que a gente não esquece nunca, a gente tenta se conformar, mas não esquece a do filho. Minha mãe e pai não, já eram velhos, a gente se conforma." (Sujeito 6).

> "A gente perde marido, perde pai, mãe, mas a dor de um filho fica sempre naquela lembrança do que ele viveu e os sonhos que ele tinha e não conseguiu realizar, é muito triste" (Sujeito 6).

A associação entre perda, dor e dificuldade de elaboração encontrada nos resultados corrobora Batista e Santos (2014), que consideram a morte de uma pessoa próxima um dos acontecimentos mais estressantes para a maioria dos indivíduos. Os discursos dos participantes, ao relacionarem a perda a sentimentos de dor, dificuldade e impossibilidade de esquecimento, mostram-se compatíveis com essa compreensão da morte de pessoas significativas como uma experiência potencialmente mobilizadora.

Além disso, os resultados evidenciaram uma diferença na maneira como o participante significou a morte de pais e a morte de um filho. A morte de pessoas mais envelhecidas foi apresentada como uma experiência para a qual haveria maior possibilidade de conformação, enquanto a perda de um filho foi descrita como uma dor que permanece e que se relaciona às lembranças e aos projetos de vida interrompidos. Esse resultado aproxima-se do que é discutido por Freitas e Michel (2014), que compreendem a perda de um filho como uma experiência que pode representar a perda de uma parte do próprio ser e produzir impactos nos valores pessoais. Dessa maneira, os resultados do presente

estudo corroboram a literatura ao evidenciarem que o significado atribuído à perda pode estar relacionado não apenas à intensidade do vínculo afetivo, mas também ao lugar ocupado pela pessoa falecida na trajetória de vida do enlutado (Batista & Santos, 2014).

Gomes *et al*. (2015), também destacam aspectos importantes relacionados ao luto pela perda de um filho, entre eles a inversão do percurso considerado natural dos acontecimentos da vida e a permanência da perda ao longo do tempo. Os resultados encontrados neste estudo aproximam-se dessa perspectiva, uma vez que o participante descreve a perda do filho como uma dor que permanece associada às lembranças de sua vida e aos sonhos que não puderam ser realizados.

Nesse sentido, os resultados indicam que o processo de luto não se apresenta de maneira homogênea entre os participantes, sendo atravessado pelo significado atribuído à pessoa perdida e pelas experiências construídas ao longo da vida. A literatura considerada no estudo corrobora essa compreensão ao destacar que diferentes tipos de perdas podem produzir repercussões distintas na experiência do enlutado (Freitas & Michel, 2014; Gomes *et al*., 2015).

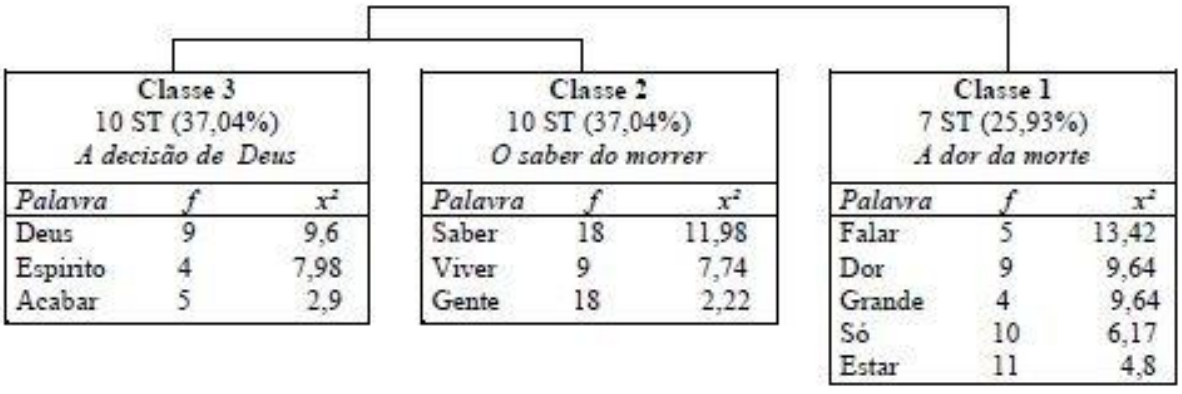
A autora Kübler-Ross (2008) ressalta a importância de que o enlutado vivencie seu processo de luto até que possa chegar a um estágio de aceitação, ressignificando sua perda. A aceitação, nesse sentido, não representa necessariamente um estado de felicidade plena, mas uma possibilidade de alcançar maior paz e serenidade diante do acontecimento. Essa perspectiva também pode ser relacionada aos resultados encontrados, nos quais aparece a tentativa de "se conformar" com determinadas perdas, ainda que o sofrimento permaneça presente.

Essa compreensão também se aproxima da perspectiva de Frankl (2016), segundo a qual a realização de sentido pode ocorrer por meio de uma atitude diante de um sofrimento inevitável. Assim, os resultados sugerem que a experiência da morte do outro pode constituir uma situação de sofrimento na qual o indivíduo precisa elaborar novas formas de significar sua própria existência.

3.3 Os sentidos na morte

No *corpus* 3, foram identificadas três classes. O *corpus* foi dividido em 36 segmentos de texto, dos quais 27 foram considerados, correspondendo a 75% dos segmentos analisados. As classes foram nomeadas com base em seus descritores, conforme apresentado no dendrograma abaixo (Figura 4).

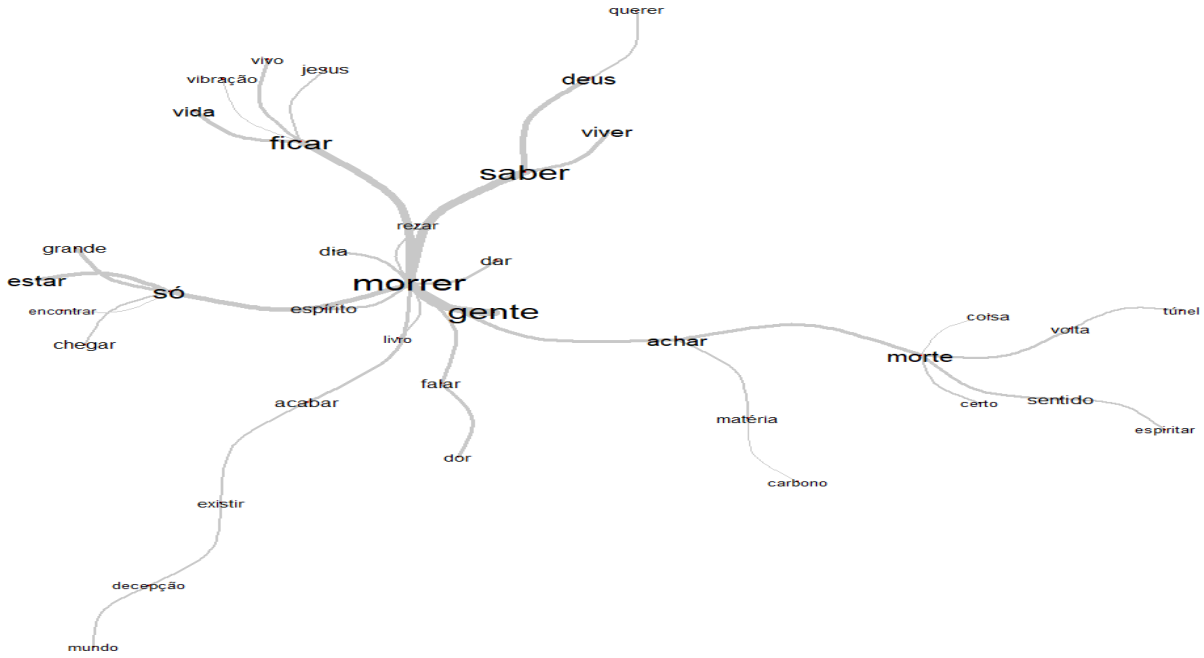
Figura 4. Dendrograma da CHD do corpus 3



Fonte: Iramuteq

Assim como nos *corpus* anteriores, foi realizada a Análise de Similitude (Figura 5), com o objetivo de verificar os vocábulos centrais que compõem a estrutura do corpus textual e suas conexões e proximidades.

Figura 5. Árvore de coocorrências – Análise de Similitude do corpus 3



Fonte: Iramuteq

A árvore de coocorrências apresentou como vocábulo central o termo "*morrer*", que apresentou conexão com "*saber*", próximo de "*Deus*", "*querer*" e "*viver*". Também se derivaram do termo central os elementos "*falar*" e "*dor*", associados ao momento do morrer. Os resultados evidenciam, portanto, que a representação da morte entre os participantes esteve relacionada simultaneamente ao conhecimento de sua inevitabilidade, ao sofrimento e à dimensão religiosa. Os discursos dos participantes ilustram essas diferentes formas de significação:

> "Quando a gente morre, morre com muita dor. Só não faz falar, uma dor que não tá falando porque não pode mais, tá morrendo, uma dor muito grande" (Sujeito 2).

> "A morte é uma coisa que a gente sabe que vai, tem que ir. Tem que se conformar com ela. Eu não sei nem definir, dizer como é a morte, eu não sei nem dizer. Eu vivo tão perturbada da minha cabeça, meu filho. Só não quero ir agora" (Sujeito 6).

> "Eu acho que é assim, que o espírito da gente quando nós morremos tem que subir, vai pra presença de Deus. Se você fez coisa boa vai colher o que você fez, se você não fez você vai receber a sua sentença dada por Deus" (Sujeito 8).

Os resultados mostram que a morte pode ser percebida como uma experiência associada à dor e ao sofrimento, mas também como um acontecimento inevitável diante do qual o indivíduo busca construir explicações e significados. Essa diversidade de percepções evidencia que não existe uma única maneira de compreender ou vivenciar a própria morte.

A presença da religião nos discursos relacionados à morte aproxima-se novamente dos resultados discutidos anteriormente e corrobora Saltarelli *et al*. (2015), que apontam a importância da religião, da fé e da espiritualidade como recursos diante da angústia provocada pela morte e pela finitude. No discurso do Sujeito 8, por exemplo, a morte é inserida em uma perspectiva religiosa de continuidade e julgamento, oferecendo uma explicação para o que ocorre após a morte.

Assim, os resultados indicam que a religião atua como elemento de significação da morte, permitindo compreendê-la por meio de um sistema de crenças preestabelecido (Almeida, 2015; Saltareli *et al*., 2015). Esse achado

complementa os resultados do *corpus* 1, no qual a religião também emergiu como central para a compreensão e o enfrentamento da própria finitude.

Dessa forma, a morte tende a ser associada ao sofrimento e à dor no momento do morrer, como observado no discurso do Sujeito 2. Entretanto, os resultados também indicam que essa experiência pode ser acompanhada por menor temor e angústia entre aqueles que atribuem à morte um significado relacionado à salvação ou à presença de Deus, como observado no discurso do Sujeito 8. Assim, os achados corroboram a literatura ao indicar que a espiritualidade pode participar da maneira como os indivíduos enfrentam e significam a morte (Saltarelli *et al*., 2015).

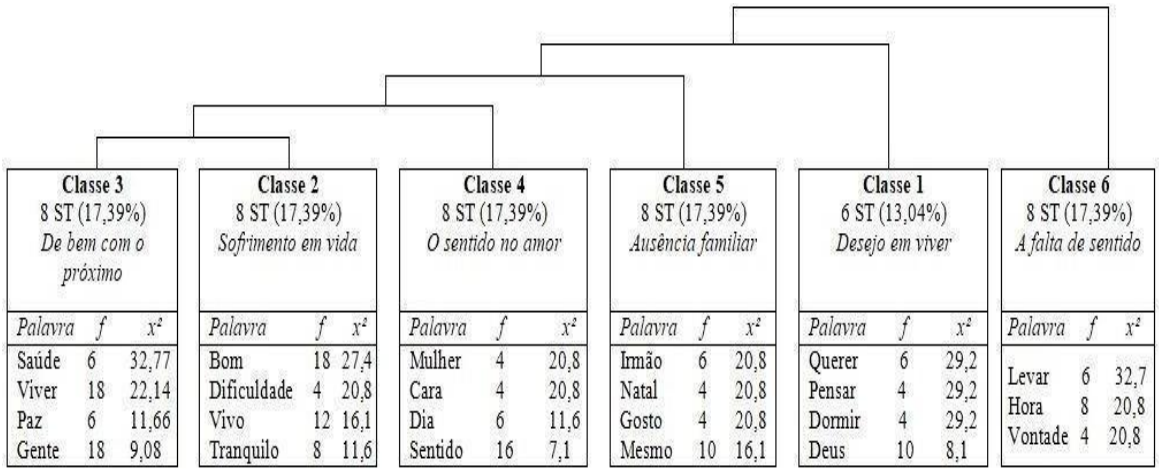
Outro aspecto identificado refere-se à dificuldade de falar sobre a morte. Apesar de os participantes reconhecerem sua inevitabilidade, alguns demonstraram dificuldade em defini-la ou descrevê-la. A morte e o luto ainda podem ser compreendidos como temas difíceis de serem discutidos social e academicamente, fazendo com que algumas pessoas evitem falar sobre eles (Almeida, 2015). Nesse sentido, os resultados encontrados aproximam-se da literatura ao evidenciarem que o reconhecimento da inevitabilidade da morte não significa necessariamente facilidade em falar sobre ela ou atribuir-lhe uma definição.

A dificuldade de falar sobre a morte, portanto, pode ser compreendida como uma das formas pelas quais o indivíduo busca manter distância de uma realidade que reconhece como inevitável (Cocentino & Viana, 2011). Dessa maneira, os resultados ampliam a compreensão apresentada anteriormente ao demonstrarem que, embora os participantes tenham consciência da morte, essa consciência pode coexistir com dificuldades para verbalizar e significar a experiência de morrer.

3.4 Os sentidos na vida

A CHD realizada no *corpus* 4 identificou seis classes. Foram analisados dez textos, divididos em 62 segmentos de texto, dos quais 46 foram considerados, correspondendo a 74,19% dos segmentos. As classes foram nomeadas com base nos mesmos critérios utilizados nas categorias anteriores, conforme apresentado no dendrograma abaixo (Figura 6).

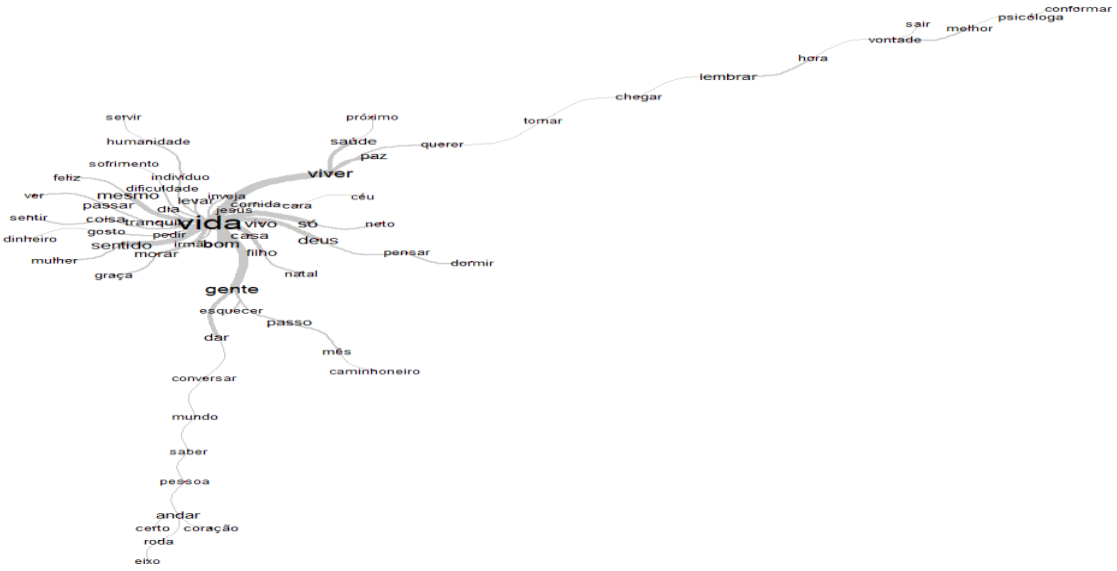
Figura 6. Dendrograma da CHD do corpus 4



Fonte: Iramuteq

A Análise de Similitude (Figura 7) apresentou o vocábulo central "*vida*" (f=68), que esteve estreitamente relacionado às palavras "*Deus*", "*sofrimento*", "*feliz*", "*sentindo*", "*dificuldade*", "*humanidade*", "*servir*", "*dia*", "*só*", "*mulher*" e "*bom*". Também apresentou conexão com o vocábulo "*viver*", próximo das palavras "*saúde*", "*paz*", "*próximo*" e "*querer*". Essas conexões remetem às diferentes formas de atribuição de sentido à vida identificadas nos discursos dos participantes.

Figura 7. Árvore de coocorrências – Análise de Similitude do corpus 4



Fonte: Iramuteq

Os discursos dos participantes evidenciam diferentes formas de compreender o sentido da própria vida:

> "O sentido da minha vida é que está tudo certo para o dia que eu vou morar em outro canto... mais minha primeira mulher" (Sujeito 2).

> "O sentido da vida é viver bem consigo mesmo e com o seu próximo. Amar muito o seu próximo. A vida é você ter alegria, é você ter paz, sossego, saúde, liberdade, para mim a vida é isso" (Sujeito 3).

> "A vida para mim já foi melhor quando eu ainda tinha o meu filho, eu era mais alegre, frequentava as coisas, me divertia mais, hoje eu não tenho mais vontade de nada, tudo me recorda ele (...). Tem hora que tenho vontade de sair, mas quando lembro que perdi ele, não saio (...). Toda hora estou lembrando por que foi muito perto daqui, quando chega essa hora é quando lembro mais dele porque foi a hora que mataram ele e eu escutei os tiros" (Sujeito 6).

> "A vida é, em resumo por desinência, servir a si como indivíduo e ser útil à humanidade como um todo, isso é viver plenamente. O sentido é servir a humanidade e ser servido dela" (Sujeito 9).

> "O sentido da vida é você trabalhar, ter perseverança. Eu sou caminhoneiro, passo dois meses, três meses sem vir em casa." (Sujeito 10).

Os resultados demonstram que o sentido atribuído à vida assume diferentes formas entre os participantes, envolvendo relações afetivas, amor, saúde, paz, liberdade, trabalho, perseverança e a possibilidade de servir ao outro e à humanidade. Essa diversidade é compatível com a perspectiva de Frankl (2016), segundo a qual o sentido da vida é singular para cada ser humano e pode ser realizado por diferentes caminhos.

A presença desses diferentes elementos nos discursos pode ser relacionada às três vias de realização de sentido propostas por Frankl (2016): valores vivenciais, criativos e atitudinais. Os valores vivenciais podem ser observados, por exemplo, na valorização do amor, das relações com o próximo, da alegria e da convivência, como expresso no discurso do Sujeito 3. Os valores relacionados à criação e à contribuição para o mundo podem ser aproximados do discurso do Sujeito 9, no qual aparece a ideia de servir à humanidade. Já a dimensão atitudinal pode ser relacionada à possibilidade de assumir determinada postura diante das circunstâncias da vida, inclusive diante do sofrimento.

Nesse sentido, os resultados corroboram a perspectiva frankliana ao evidenciarem que os participantes encontram diferentes possibilidades de sentido em suas experiências, não estando essa realização restrita a uma única dimensão da existência (Silva *et al*., 2020). O trabalho, as relações afetivas, a espiritualidade, o cuidado com o outro e a própria maneira de enfrentar as circunstâncias aparecem como elementos capazes de conferir significado à vida (Nascimento, 2024).

A realização de sentido, para Frankl (2016), está relacionada à capacidade humana de autotranscendência, pela qual o indivíduo sai de si e direciona-se ao mundo por meio de uma criação, atitude ou vivência. Essa perspectiva pode ser observada nos discursos dos Sujeitos 3 e 9, que atribuem importância ao amor, ao próximo e à contribuição para a humanidade. Assim, os resultados encontrados aproximam-se da literatura ao evidenciarem que a construção de sentido pode estar relacionada à relação do indivíduo com outras pessoas e com aquilo que considera significativo em sua existência.

Por outro lado, o discurso do Sujeito 6 evidencia uma experiência distinta. A perda do filho aparece associada à diminuição da alegria, à perda da vontade e à interrupção de atividades anteriormente realizadas. Esse resultado pode ser relacionado ao conceito de vácuo existencial apresentado por Frankl (2016), compreendido como consequência da frustração da vontade de sentido e associado à sensação de tédio e falta de sentido.

Corroborando essa ideia, Aquino *et al*. (2015) também destacam que o vácuo existencial pode se expressar por meio do tédio, da falta de sentido e da falta de vontade, repercutindo no desenvolvimento humano. Nesse sentido, o discurso do Sujeito 6 aproxima-se da literatura ao apresentar elementos relacionados à perda de sentido após uma experiência significativa de luto. Entretanto, é importante considerar que o vácuo existencial não constitui o foco específico deste estudo, sendo apresentado aqui apenas como possibilidade interpretativa diante dos resultados encontrados.

Sendo o luto um processo doloroso e difícil para a maioria das pessoas, são observáveis mudanças comportamentais, sociais e emocionais diante da perda de um ente querido, como evidenciado no discurso do Sujeito 6. O luto mal resolvido pode interferir negativamente na vida do indivíduo, dificultando seu processo de adaptação e a própria realização de sentido descrita por Frankl (2016), podendo ainda estar associado a manifestações de sofrimento diante da perda (Kübler-Ross, 2008).

Dessa forma, os resultados do *corpus* 4 complementam aqueles encontrados nos demais corpora ao evidenciarem que a maneira como os idosos atribuem sentido à vida está relacionada tanto às experiências positivas e significativas quanto às perdas vivenciadas ao longo de sua trajetória. Enquanto alguns participantes encontram sentido nas relações, no trabalho, no amor, na saúde e na contribuição para o outro, outros demonstram que experiências de perda podem modificar profundamente a maneira como percebem sua própria existência (Nascimento, 2024).

Em conjunto, os resultados indicam que a consciência da finitude não necessariamente elimina a possibilidade de realização de sentido. Ao contrário, conforme a perspectiva de Frankl (2016), a consciência da morte pode contribuir para que o ser humano assuma a própria existência de maneira livre e responsável, buscando realizar sentidos nas possibilidades que permanecem disponíveis ao longo da vida. Assim, os achados deste estudo, ratificado por Silva *et al*., (2020); Nascimento (2024); Oliveira & Silva (2013), sugerem que morte, luto e sentido da vida constituem experiências interligadas na velhice, sendo atravessadas pela história de vida, pelos vínculos afetivos, pela espiritualidade e pela maneira singular como cada indivíduo enfrenta as circunstâncias de sua existência.

4. Considerações finais

O presente estudo alcançou seu objetivo principal de analisar como os idosos estão vivenciando o seu próprio morrer, baseado na hipótese de que se esperava que estes estivessem, pela consciência da morte próxima, vivenciando um processo de aceitação em relação à sua morte, entretanto, os resultados foram ambivalentes quanto à hipótese do estudo, por um lado tiveram idosos que vivenciam sua morte e seu luto em um estado de aceitação e serenidade como ressaltou Kübler-Ross (2008), por outro, idosos que ainda sentem-se angustiados, com a falta de sentido na vida, no vácuo existencial dito por Frankl (2016).

Também foi possível perceber o quanto a morte de pessoas que faziam a vida ter sentido interfere negativamente na vida dos idosos, apresentando uma série de sintomas como tédio, falta de sentido, ausência de vontade, sintomas esses que refletem o vácuo existencial mencionado por Frankl (2016). Por outro lado, a consciência da finitude não impediu a realização de sentido de alguns idosos.

Ademais, todas as categorias apresentaram a grande importância que a religião, a fé e a espiritualidade possuem no processo de luto diante da morte de outros, como também do próprio morrer (Saltareli *et al*., 2015), mas é preciso abrir bem os olhos, pois este público ainda carece de atenção e cuidados na sua saúde e em seu desenvolvimento.

Aos futuros pesquisadores que forem utilizar do *software* IRAMUTEQ é importante estar atento ao cuidado que se deve ter quanto à subjetividade dos sujeitos em estudos qualitativos. Apesar do *software* ser bastante preciso na frequência e conexão das palavras, não se deve limitar a análise a um conjunto de vocábulos conectados, portanto, se faz necessário a sensibilidade do próprio pesquisador para com os participantes da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa foram fornecidos por um público de dez idosos no interior do sertão paraibano, sendo impossível que seus resultados sejam conclusivos à nível de generalização, portanto, uma amostra maior e mais diversificada poderia dar uma resposta mais ampla e passível de generalização.

Levando em consideração que este público faz uso da atenção básica em saúde, torna-se de extrema importância que os profissionais da atenção básica tenham uma sensibilidade maior para estas questões, como também os demais profissionais da saúde, como, por exemplo, psicólogos, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, entre vários outros que lidam constantemente com a morte, com o luto e com a falta de sentido nas pessoas. Por fim, vale salientar que o vácuo existencial na velhice não foi o foco do presente estudo, mas é um ponto bastante importante a ser estudado, como também o estudo com jovens e adultos no pensar e agir sobre a morte, inclusive a própria.

REFERÊNCIAS

Almeida, T. C. S. (2015). Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto. *Revista Sacrilegens. 12*(1), 72-91.

Aquino, T. A. A., Damásio, B. E., & Silva, J. P. (2010). *Logoterapia & educação: fundamentos e prática.* Paulus, São Paulo.

Aquino, T. A. A., Véras, A. S., Braga, D. O. L., Vasconcelos, S. X. P., & Silva, L. B. (2015). Logoterapia no contexto da psicologia: reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 4*(1), 45-65.

Batista, P., & Santos, C. J. (2014). Processo de luto dos familiares de idosos que se suicidaram. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental.* (12), 17-24.

Becker, G., Xander, C. J., Blum, H. E., Lutterbach, J., Momm, F., Gysels, M., & Higginson, I. J. (2007). Do religious or spiritual beliefs influence bereavement? A systematic review. *Palliative medicine*, *21*(3), 207–217. https://doi.org/10.1177/0269216307077327

Brito, J. T. (2014). *Reflexões Sobre o Sentido da Vida na Terceira Idade* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Paraíba.

Cocentino, J. M. B., & Viana, T. C. (2011). A Velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. *14*(3), 591-600.

Frankl, V. E. E. (2016). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. (6ª ed.). Quadrante, São Paulo, SP.

Freitas, J. L., & Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Revista Psicologia em Estudo. 19*(2), 273-283.

Frumi, C., & Celich, K. L. S. (2006). O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. 92-100.

Gomes, S. S., Laham, C. F., Ferrari, S., Benute, G. R. G., & Lucia, M. C. S. (2015). O processo de luto pela perda deum filho em uma idosa cuidadora de um paciente crônico. *Revista Psicologia Hospitalar*. *13*(1), 64-90.

Justo, A. M., & Camargo, B. V. (2014). Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. *Caderno de artigos*: X SIAT & II Serpro, 37-54.

Kubler-Ross, E. (2008). *Sobre a Morte e o Morrer (9ª ed.).* Martins Fontes, São Paulo, SP.

Lisboa, R. A. (2016). *Logoterapia na educação: contribuições para a prática pedagógica do professor* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Miguel, I. C. (2014) Envelhecimento e desenvolvimento psicológico: entre mitos e factos.

Moreira, N., & Holanda, A. (2010). Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Revista Psico-USF. 15*(3), 345-356.

Nascimento, R. B. T. (2024). Logoterapia, sentido de vida e luto: uma revisão de escopo. *Interação em Psicologia*, *28*(1), 85-92. https://doi.org/10.5380/riep.v28i1.85813

Neto, V. B. L. (2012). Tanatologia e Logoterapia: um diálogo ontológico. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 1*(1), 38-49.

Oliveira, E. K. de S., & Silva, J. P. da. (2013). Sentido de vida e envelhecimento: relação entre os pilares da Logoterapia e bem-estar psicológico. *Logos & Existência*, *2*(2), 135-146.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano* (12ª ed.) Artmed. Porto Alegre, RS.

Pereira, I. S. (2015). A ontologia dimensional de Viktor Frankl: o humano entre corpo, psiquismo e espírito. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 4*(1), 2-13.

Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. *Revista Psicologia.pt O portal dos Psicólogos.* 1-16.

Saltareli, S. et al., (2015). A dor do existir e a religião na perspectiva dos católicos. *Revista Latino-Am. Enfermagem. 23*(4), 685-692. DOI: 10.1590/0104-1169.0188.2604

Silva, F. L. H. da, Assis, M. D. de, Durand, T. P., Santos, E. N. M., Honorato, M. C. M., & Pontes, A. de M. (2020). Envelhecimento e sentido da vida na perspectiva de Viktor E. Frankl. *Research, Society and Development*, *9*(11), e38591110068. https://doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10068

Veras, R. P., & Oliveira. M. (2018). Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Revista Ciência & Saúde Coletiva. 23*(6), 1929-1936.

Zamulak, J. (2015). Autotranscedência: caminho para superação do individualismo. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 4*(2), 130-142.

Editor Responsável: Débora P. N. Pinheiro
Recebido/Received: 04.06.2026 / 06.04.2026 **Aprovado/Approved**: 25.08.2026 / 08.25.2026